

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

FRANCIELE DIAS DO NASCIMENTO

**TRAÇOS ÉPICOS NO CORDEL *HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO*, DE  
LEANDRO GOMES DE BARROS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ITABAIANA-SE  
MAIO- 2016

FRANCIELE DIAS DO NASCIMENTO

**TRAÇOS ÉPICOS NO CORDEL HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO, DE LEANDRO  
GOMES DE BARROS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Letras de  
Itabaiana (DLI) da Universidade Federal  
de Sergipe, Campus Prof. Alberto  
Carvalho, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras.

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup>. Vilma Mota Quintela

ITABAIANA-SE

MAIO, 2016

FRANCIELE DIAS DO NASCIMENTO

**TRAÇOS ÉPICOS NO CORDEL HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO, DE LEANDRO  
GOMES DE BARROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Letras de Itabaiana como  
requisito final à obtenção do título de graduada em  
Letras Português.

**Aprovado em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vilma Mota Quintela  
Universidade Federal de Sergipe  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Ma. Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de Farias  
Universidade Federal de Sergipe  
Membro interno

## **DEDICO**

A minha mãe, Magnólia, por todo o apoio,  
e a minha filha Clara Gabrielly, o amor de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por todas as bênçãos alcançadas.

A minha mãe que sempre lutou para me dar uma ótima educação.

A minha filha, Clara Gabrielly, pelo carinho, atenção e muito amor.

A todos os professores do curso de Letras do Departamento de Itabaiana (DLI/UFS), pela contribuição para a minha formação acadêmica, em especial a Christina Ramalho.

Aos meus amigos (as), em especial a Alexsandra e a Mayara Menezes, por todo carinho, atenção e apoio.

As minhas amigas do Ensino Médio que mesmo distantes, sempre mim incentivaram nos estudos.

A todos, o meu mais nobre e sincero obrigado!

Nascimento, Franciele Dias. **Traços épicos no cordel História do Boi Misterioso, de Leandro Gomes de Barros.** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Letras Português. Departamento de Letras de Itabaiana. Universidade Federal de Sergipe, 2016.

## **Resumo**

Neste trabalho, procura-se analisar os traços épicos no cordel *História do Boi Misterioso*, de Leandro Gomes de Barros, de modo a ressaltar as relações entre o histórico e o mítico como elementos estruturadores da obra. Ao assim proceder, espera-se destacar a presença do épico na produção poética popular brasileira em circulação no mercado cultural, bem como os modos de permanência do gênero na contemporaneidade. Como referencial teórico, foram de fundamental importância à reflexão desenvolvida neste trabalho, além de uma bibliografia específica sobre a literatura de cordel brasileira e sobre o ciclo do boi na poesia tradicional nordestina, os estudos de Christina Ramalho e Anazildo Silva, que buscam mostrar a permanência do gênero épico na atualidade.

**Palavras-chave:** Gênero Épico. Literatura de Cordel. Épica Popular.

## **Abstract**

This work tried to analyze characteristic features the epic the cordel "The History of the Mysterious Ox", Leandro Gomes de Barros, in order to emphasize the relationship between the historical and mythical as structural elements of the work. In doing so, it is expected to highlight the epic presence in the Brazilian folk poetic production in circulation in the cultural market as well as gender permanence modes in contemporary times. As a theoretical framework, were of essential to the reflection developed in this work, as well as a specific bibliography of the literature Brazilian cordel and the cattle cycle in the traditional northeastern poetry, studies Christina Ramalho and Anazildo Silva, seeking to show the permanence the epic genre today.

**Key words:** Epic genre. Literature of cordel. Epic Popular.

## SUMÁRIO

Introdução.....	p.01
1. Breve panorama sobre a Literatura de Cordel.....	p. 04
2. Aspectos literários do cordel <i>História do boi misterioso</i> .....	p.07
3. A matéria épica.....	p.15
3.1 A estrutura do Gênero Épico.....	p.17
3.2 A matéria épica no Cordel <i>História do boi misterioso</i> .....	p.21
Considerações finais.....	p.30
Referências bibliográficas.....	p.31

## INTRODUÇÃO

Os gêneros literários no decorrer de acontecimentos históricos, principalmente de fundamento expansionista, transitam e se perpetuam nas correlações culturais de mito, arte e história do mundo antigo ao novo mundo. Nesse nivelamento, temos o Gênero Épico, considerado pela crítica como esgotado no século XVIII, mas que revestido de outras formas sobrevive até hoje transitando em outras artes literárias.

Sua representação épica está expressa em grandes categorias literárias, como Os Lusíadas (1572), Ilíada e Odisseia, de Homero; Eneida (séc. I a. C.), de Virgílio, seguindo uma estrutura clássica da epopeia. No entanto, por mais que a crítica tenha decretado a morte do gênero épico, surgiram nomes como Silva, Ramalho, dentre outros, que em suas pesquisas mostram que houve uma transformação do gênero através dos tempos.

Em um processo de busca identitária nascem outros autores que carregam em suas obras características do gênero épico como, Stella Leonardos, Raquel Naveira, Fernando Pessoa. É interessante abordar que épico ou epopeia é todo poema longo que apresenta uma matéria épica por meio da dupla instância de enunciação lírica e narrativa.

Nesse panorama surgiu, uma poesia popular carregada da tradição oral e coletiva, de origem europeia chegando ao Brasil em folhetos, denominada literatura de cordel, com uso da linguagem popular, com função de divertir e emocionar, mas que transmite sabedoria no uso das palavras, na sonoridade das rimas, musicalidade e crítica. As composições cordelistas fundem o plano histórico e o mítico que remetem ao gênero épico, essa relação “pelos caminhos da representação e do simbólico” estabelece uma forma de “*recuperar as formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados*” (PESAVENTO, 2006, p. 1). Assim, surgiu o interesse em analisar os *Traços épicos no cordel História do Boi Misterioso* de acordo com a teoria de Silva e Ramalho.

Além do mais, o cordel *História do Boi Misterioso* representa à história e a formação literária do Brasil no colonialismo, em realce as figuras simbólicas do “boi” e do “vaqueiro”, além de destacar a imagem cultural brasileira do nordeste. No que tange o Gênero Épico, essa releitura do cordel busca “a revificação do passado convertendo-o em pré-história do presente, na revificação poética das forças históricas, sociais e humanas que em um período longo de desenvolvimento deram forma à nossa vida



(LUKÁCS, 2000, p. 58)”. Essa relação traz uma visão ampla da história literária de um país em formação e a cultura de uma coletividade. Essa perspectiva de estudo, ressalta as estratégias de leitura na compreensão da poesia de cordel, ofertando aos estudiosos de literatura a possibilidade de contato com a nossa história.

A metodologia desse trabalho consiste em discutir o valor literário do gênero épico na literatura de cordel, em uma observação teórica a respeito de uma poesia longa popular de caráter épico, com o propósito de comprovar a existência do gênero épico na contemporaneidade, como também caracterizar a matéria épica que se faz presente na obra *História do Boi Misterioso*, do escritor Leandro Gomes de Barros. Como suporte de leitura para entender as perspectivas históricas e míticas temos *A Semiotização Épica do Discurso* (1984), de Anazildo Vasconcelos da Silva e, *Poemas épicos: estratégias de leitura* (2013), de Christina Ramalho.

Esse trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado *Breve panorama sobre a Literatura de Cordel*, é apresentada uma contextualização histórica da origem dessa poesia popular, além de uma abordagem sobre o estudo do Gênero Cordel, que foca seu aperfeiçoamento como Literatura, possibilitando uma prévia análise, na qual o cordel apresenta aspectos épicos em sua estrutura narrativa.

No segundo capítulo, intitulado *Aspectos literários do Cordel* que refere-se a estrutura do poema-narrativo, *História do boi misterioso*, bem como enfatiza a temática brasileira tratada no cordel do paraibano e os respectivos aspectos literários da história e da poética de Barros.

O último capítulo, intitulado *A matéria épica* é apresentado uma abordagem sobre o estudo do Gênero Épico e suas matrizes na Literatura de Cordel de Leandro Gomes de Barros. Esse capítulo possui dois subcapítulos, *A estrutura do Gênero Épico* que traz as concepções da estrutura épica segundo as estratégias de leitura de Ramalho (2013), e *A matéria épica no Cordel A história do boi misterioso* que destaca a análise de estratégias de leitura, a partir dos aspectos épicos dispostos na obra, seguindo a relação dos planos históricos e míticos, dispostos nos estudos de Christina Ramalho e Anazildo Silva.

Espera-se que esse trabalho possa possibilitar o desenvolvimento de estratégias de leitura em obras literárias brasileiras que tenham como composição discursiva a matéria épica, base de compreensão da relação das dimensões históricas e míticas. Dessa maneira, amplia-se o conhecimento sobre o gênero épico e introduzem-se

possibilidades de leitura, como no cordel analisado, em que se revelam os horizontes de significação literária.

## 1. BREVE PANORAMA SOBRE A LITERATURA DE CORDEL

A poesia popular tem origem no contato dos contadores de histórias e a população, de acordo com os fatos históricos, surge dos romanceiros, pessoas que cantam romances, também de contos maravilhosos e histórias folclóricas (MEYER, 1980, p. 7). As experiências vividas se misturam a voz, gestos e expressões que exigem a participação da coletividade, a literatura de cordel traz essa estrutura de histórias contadas como marcas específicas de uma cultura, principalmente do vínculo nordestino.

O Cordel é “a palavra gesticulada dos poetas” (ZUMTHOR, 2001), presente em uma oralização que revela uma crítica social, vida religiosa, sexualidade e humor entrelaçados. Anteriormente, chamado de folhetos, folhas volantes e literatura de cegos (1789), após a Irmandade do Menino Jesus dos Cegos de Lisboa ter direito a venda, essas denominações surgiram em Portugal.

Segundo Meyer (1980) a literatura de cordel consolidou-se entre as décadas de 30 e 50, cujas rimas e versificações trazem as marcas da realidade nordestina, como a seca, o cangaço, política. Os poetas cordelistas, com os folhetos, tornam-se expectadores do cotidiano, transmissores de notícias e histórias através de suas falas, transformando-as em manifestações artísticas que se fixavam na memória de uma coletividade.

Inicialmente temos a cantoria de Silviano Pirauá de Lima (1848 – 1913), gênio na arte de versificação, cuja linha tradicional é formada pela quadra (quatro versos), mais tarde sextilha (seis versos), conforme se apropriava de mais ideias rimadas. A disseminação tipográfica cabe ao autor, editor e proprietário Leandro Gomes de Barros (1864 – 1918), dessa maneira, tornou o cordel uma produção de consumo inscrito na realidade do nordeste. Barros tematiza formas de cantar e linhas de pensamento crítico, social e satírico, surgindo a tensão entre o oral e o escrito na representação dos folhetos.

A partir da impressão outros poetas se influenciam pela arte de versar em folhetins, como João Melchíades, poeta-editor; João Martins de Athayde, maior editor de folhetos do nordeste depois de Barros; Francisco de Chagas Batistas, na venda folhetos e livros de prateleira em sua pequena editora; Rodolfo Coelho Cavalcanti, grande animador da poesia popular na Bahia; Caetano Cosme da Silva, poeta fértil e muito amado pelo povo; e outros. Assim, versando em longos poemas com o

movimento editorial, expande-se a literatura de cordel em folhetos bem acessíveis a população em geral.

A poesia popular nordestina toma como público as populações com pouco poder aquisitivo, geralmente analfabetos, esse fato é determinado pelo tipo de linguagem utilizada no cordel, a popular, bem como as temáticas retratadas pelos poetas. A importância dos escritos do cordel é tão relevante, que as notícias transmitidas por jornal ou rádio, tornavam-se concretas quando saía nos folhetos.

Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativa de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. Mas ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começam a aparecer, no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população. Antes que o jornal se espalhasse, a literatura de cordel era a fonte de informação; assinala Teófilo Braga que justamente quando começa a disseminar-se o jornal, a literatura de cordel decai. Isto em Portugal. No Brasil, apesar do jornal, ela continuou em pleno esplendor, talvez só ameaçado em nossos dias com a difusão do rádio transistor e da televisão (DIÉGUES JÚNIOR, 1973, p. 31).

No Brasil os temas variam, mas prevalecem as especificidades do contexto social tradicional, que leva em consideração a realidade do “sistema de valores e crenças” da região do nordeste. Esse contexto estabelece o ambiente pastoril do interior sertanejo e agrícola, da cana de açúcar. Nas temáticas muda-se o cenário paisagístico e os personagens, ficam as histórias tradicionais com algumas adaptações, elementos ficcionais do folclore ou de fábulas. Para Manuel Diégues Júnior, os folhetos traziam a impressão da realidade dos fatos:

os termos circunstanciais, os acontecimentos contemporâneos ocorridos em dado instante e que tiveram repercussão na população respectiva são enchenes que prejudicaram populações, são crimes perpetrados, são cangaceiros famosos que invadem cidades ou praticam assassinios, são também hoje, com a facilidade das comunicações, certos fatos de repercussão internacional (1973, p. 25).

Segundo Diégues, a região Nordeste formou-se a partir de condições sociais, econômicas e climáticas, nas quais se desenvolveram manifestações culturais próprias de uma sociedade patriarcal, marcada por lutas familiares, o aparecimento de bandidos e

cangaceiros, as secas periódicas, provocaram desequilíbrios sociais e econômicos. Essas características “deram oportunidade para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular” (1973, p. 14).

Ao tratar desse aspecto, o cordel traz significações ideológicas, somadas a expressões folclóricas e populares, que fazem parte do imaginário de um povo e das manifestações da memória.

Esses contos edificantes em versos são tanto fábulas satíricas ou morais, quanto episódios épicos e poesias românticas, e contêm elementos de mitos. Eles apresentam personagens lendários em plena ação e desenham um quadro da sociedade nordestina. Enfim, refletem a riqueza de uma história e de uma cultura originais. Devido a suas origens “populares”, e embora o fenômeno seja relativamente recente, a literatura de cordel é classificada de imediato na categoria “tradicional” porque repousa, em grande parte, numa cultura oral que é considerada rude e deformada por seu modo de transmissão (CAVIGNAC, 2006, p. 74).

Os versos trazem um entrecruzamento entre as marcas da oralidade e a cultura escrita, sendo a memória o meio responsável por essa transmissão do pensar. Os cordelistas buscam em um processo de elaboração escrita, na relação entre leitor, ouvinte e consumidor, elementos da tradição da região e trazem para os cordéis, representam-nos em forma de crítica social, religiosa e sexualidade, mesmo o humor. A tradição também é valorizada na linguagem, cujo vocabulário muitas vezes conserva a composição e o estilo de pronúncia do sertanejo.

O próximo capítulo trata-se dos aspectos literários do cordel, mostrando a relação de sentido em seus personagens e no contexto social do sertanejo, bem como dispõe de uma breve análise da forma de versificar de Barros, que norteia grande parte das produções de cordel.

## 2. ASPECTOS LITERÁRIOS DO CORDEL *HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO*

Leandro Gomes de Barros (1865/1918), paraibano, um cordelista múltiplo na eternização dos seus livros em versos, pois além de autor, fez a impressão e a venda de seus próprios folhetins, os quais utilizavam como forma de sobrevivência, anos mais tarde, essa qualidade de poeta, serviu para impulsionar a produção desses materiais.

Foi fundador da popular literatura poética de cordel no Nordeste. Escreveu cerca de mil folhetos de versos populares, tendo tirado dos mesmos mais de dez mil edições. Leandro manejava a sua veia poética com fantástica facilidade. Foi um escritor que viveu exclusivamente de sua pena – caso raro no Brasil (CHAGAS BAPTISTA apud QUINTELA, 2005, p. 39)

Barros produzia seus versos de caráter crítico-social, satírico, e político valorizando a moral e as crenças do povo nordestino, assim trouxe renovações no ato de versificar com referência a grandes prosas. Dessa maneira, dissemina a cultura popular nordestina. É interessante notar que, esses poetas cordelistas também são a representação da própria memória histórica e do espaço em que, simultaneamente, e se inserem e descrevem nos cordéis.

Os cordelistas tinham um perfil estético na produção dos versos, no que diz respeito ao livro. Para chamar a atenção de leitores-ouvintes, a capa serve como parte integrante do texto em relação às gravuras produzidas pelos próprios poetas-cantadores. Na contracapa, em um determinado período, receoso por plágios, Barros começa a colocar avisos sobre a autoria de seus folhetos, como uma forma de alertar seus leitores: “Com o fim de evitar os abusos constantes, resolvi d’ora em diante estampar em todas as minhas obras o meu retrato em um clichê, sem lugar determinado” (MEYER, 1980, p. 5).

A poesia cordelista, como sendo registro da história e da cultura popular do nordeste, marcava sua autoria e sensibilizavam seus leitores a um diálogo com a história cantada. No que tange a organização interna do livro, destacamos o cordel de Leandro Gomes de Barros, *História do Boi Misterioso*. A matéria épica é justamente o imaginário mítico voltado à figura do “boi”, que representa o valor comercial das fazendas no nordeste brasileiro, e do “vaqueiro”, que é um indivíduo destemido e corajoso, importante no trabalhado com o gado e organização da fazenda de seu dono.

Barros constrói essa história com base na tradição da pecuária no sertão, valendo-se da mistificação do boi, caracterizado como personagem central, metamorfoseado e personificado. Como explora a estrofe abaixo:

Ali o vaqueiro viu  
Um touro preto chegar  
Então disseram os vultos  
São horas de regressar  
Disse o touro montem em mim  
Que o galo já vai cantar.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 5)

Esse poema possui um eu-lírico/narrador, ou seja, uma dupla instância de enunciação híbrida, a narrativa, por se tratar de um poema, e a lírica, por conter um plano narrativo. Conforme Silva (2007) a epopeia mescla de um lado os elementos da narrativa como personagens, espaço, acontecimento e narrador e do outro os elementos da lírica como a utilização do verso, exploração de recursos rítmicos e sonoros, o uso das estrofação, dentre outros. Sendo assim, o cordel a História do Boi Misterioso tem a presença do eu-lírico/narrador.

**Leitor**, vou narrar um fato  
De um boi da antiguidade  
Como não se viu mais outro  
Até a atualidade  
Aparecendo hoje um desses  
Será grande novidade.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 3)

O eu-lírico/narrador transmite os fatos corriqueiros e crenças do sertão, com proximidade do que está sendo contado, destacando cronologicamente espaço e tempo: “Foi em mil e oitocentos/ E vinte e cinco este caso/ No Sertão de Quixelou/ Na Fazenda Santa Rosa”. Ainda afirma que “Houve uma seca horrorosa”, determinando o espaço físico do sertão.

O eu-lírico/narrador mostra as vozes dos personagens secundários e suas ações, referente à missão de pegar o boi, no sentido de mostrar que a força do animal não sobrepõe a do vaqueiro. Assim, traz a voz do vaqueiro, no qual se compreende os valores do homem valente do sertão nordestino, profissional fundamental na pecuária extensiva das fazendas do Nordeste. Há também, a representatividade do Senhor da fazenda de gado, detentor das atividades econômicas da colônia e de seus subordinados, incluindo o índio, que na narrativa carrega a sabedoria mítica do ciclo do boi.

O Coronel Sezinando  
 Disse vamos descansar  
 Vaqueiro de agora em diante  
 Tem muito em que se ocupar  
 Eu só descanso a meu gosto  
 Quando esse boi se pegar.  
     Disse o Índio Benvenuto  
     Coronel se desengane  
     Esse boi não é pegado  
     Nem que o diabo se dane  
     Cavalo não chega a ele  
     Inda que por mais se engane.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 10)

Podemos identificar que a obra contém 224 estrofes, cada uma com seis versos (sextilha), cada qual com rimas variadas, dispostas na página de forma alternada (ora à esquerda, ora centralizado). No entanto, por conter elementos da lírica, se destaca os traços da versificação na constituição da estrutura das estrofes, o que remonta ao valor estético da literatura de cordel, no qual era tido como padrão nas produções em versos. Sendo a musicalidade um processo que caracteriza as marcas da oralidade/cantoria, no cordel estudado.

Segundo a sílaba, temos no cordel sete sílabas poéticas/métricas e oito gramaticais, o ritmo melódico é determinado pela rima simples, com versos septissílabos ou redondilha maior, que segundo a acentuação final apresenta rimas graves, terminadas com palavras paroxítonas.

E/ra/mei/a-/noi/te em/**pon**/to      A  
 O/cam/po es/ta/va es/qui/**si**/to    B  
 Ha/vi/a a/té/di/fe/**ren**/ça      C  
 Nos/as/tros/do/in/fi/**ni**/to      B  
 Nem/do/nam/bu/nes/as/**ho**/ra      D  
 Se ou/vi/a o/ sal/do/so a/**pi**/to.    B  
     Dizia o vaqueiro: eu estava    A  
     Em cima dum arvoredos      B  
     Quando chegou esta vaca      C  
     Que me causou até medo      B  
     Depois chegaram dois vultos   D  
     E ali houve um segredo      B  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 4)

Quanto à disposição no poema, o esquema de rimas está nos versos segundo, quarto e sexto, cujo critério de rima é foneticamente consoante, em que firma o som a partir da sílaba tônica. Além disso, observa-se uma rima pobre, pois há categorias gramaticais iguais, como em “arvoredos”, “medo”, “segredo” que são substantivos.



Ao analisar a estrutura desse cordel, vejamos que há um esquema de rimas e estrofes bem elaborado, com o intuito de dar musicalidade ao que se é cantado. Para explicar tal construção o poeta Expedito Sebastião da Silva diz:

Pode olhar que a métrica do poeta de banca é diferente da do cantador de viola. Quando o cantador vai cantando e ele vê que vai dar uma sílaba a mais aí ele prende a voz pra dar a métrica, e quando é o contrário ele solta a voz pra dar a métrica, e quando é o contrário ele solta a voz pra dar exato. Já o cordel escrito na banca tem que ser exato, porque ali o matuto é quem vai ler, e é quando está faltando uma sílaba. E os cantadores quando escrevem, de vez em quando colocam uma sílaba a mais, outra hora, a menos. Porque ele está habituado com a cantoria, aí rima bem, mais a métrica fica naquela base. (ANTOLOGIA, 1978, 40).

Ao perceber que os cordéis eram feitos com precisão métrica, podemos nos aprofundar a historicidade e o modo de produção poética e cultural ao tema abordado no cordel de Barros, o ciclo do boi. Sendo que os episódios são narrados da perspectiva do vaqueiro, como grande conhecedor dos mistérios da natureza.

A figura do vaqueiro no ambiente do sertão é configurada como um herói na fazenda dos Senhores, no cordel o destaque desses personagens configuram em um entrelaçamento do espaço mítico e o histórico. Como se verifica na representação do boi, fundamental para a manutenção econômica da pecuária, para arar a terra, servir como transporte, dentre outras finalidades, ao mesmo tempo em que o próprio vaqueiro assegura o manejo adequado desse animal, diariamente, nas fazendas.

No imaginário desse vaqueiro surgem histórias míticas em relação ao boi, pois o contato extremo entre esses personagens, da realidade cultural do sertanejo, traz a simbologia de que o macho possui o “espírito combativo”, tendo a força e a fertilidade sexual. Percebe-se essa relação no momento em que é descrito o bezerro, ao nascer.

Dela nasceu um bezerro  
Um pouco grande e nutrido  
Preto de cor de carvão  
O pelo muito lizado  
Representando já ter  
Um mês ou dois de nascido.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 6)

Percebam que na descrição já demonstra a tamanha força que o bezerro já possui, pois o mesmo faz parte da prole da “vaca misteriosa”, a qual havia desaparecido em um período de dificuldade da seca, situação em que o gado acaba morrendo de fome

e de sede. No entanto, a vaca retorna viva, em perfeito estado físico para parir um bezerro. Nesses trechos em que descreve a vaca e o bezerro nota-se que o enunciador torce pela superioridade do boi.

A vaca misteriosa  
 Não houve mais quem a visse  
 O dono não importava  
 Que ela também sumisse  
 Podia até pegar fogo  
 Que a fumaça subisse.  
     A vinte e quatro de agosto  
     Data esta reciosa  
     Que é quando o **diabo** pode  
     Soltar-se e dar uma prosa  
     Pois foi nesse dia o parto  
     Da **vaca misteriosa**.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 5-6)

A criação do gado geralmente era realizada em campo aberto, como também a atividade do vaqueiro, “ao homem um sentimento de liberdade de ação, e a ausência de todo um sistema fiscalizador diretivo”, assim o estímulo desse herói era estabelecido pela caracterização de valentia, força, coragem, bravura, essa relação homem, natureza e animal “era para o vaqueiro um convite à iniciativa e às forças vivas da imaginação e da inventiva pessoal” (CASCUDO, 1956, XI). No cordel vemos que o vaqueiro era uma das figuras mais importante do que o próprio Coronel ou Senhor da fazenda, aspecto que é revelado no decorrer da narrativa.

Meu patrão é bom vaqueiro  
 Disse-lhe o desconhecido  
 Soube que desta fazenda  
 Um boi tinha se sumido  
 Mandou-me ver se esse boi  
 Já havia aparecido.  
     E se o coronel quisesse  
     Que eu fosse ao campo pegá-lo  
     Eu garanto ao coronel  
     Vendo-o, hei-de, derrubá-lo,  
     O patrão por segurança  
     Mandou-me neste cavalo.

Este cavalo não sai  
 Daqui desmoralizado,  
 Neste só monta o patrão  
 Ou eu quando sou mandado;  
 É um poldro, está mudando  
 Porém é condecorado.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 28)

Tanto o vaqueiro quanto seu cavalo detêm a importância simbólica na narrativa, cuja função principal era organizar o gado e mantê-lo preparado as atividades diárias, ambos são descritos com detalhe na narrativa. Já o Senhor da fazenda centra-se, somente, na representação do “patrão”, dono da fazenda e da atividade de pecuária.

O cavalo era mais preto  
Do que uma noite escura,  
Até os outros cavalos  
Temiam aquela figura  
O corpo muito franzino  
Com oito palmos de altura.

Pois bem disse o coronel  
Amanhã temos de ir,  
Mando avisar os vaqueiros  
Creio que tudo há de vir  
Às seis horas da manhã  
Nós havemos de seguir.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 28)

Vejamos que os episódios são descritos como uma eterna luta heroica, o vaqueiro é o personagem central, heroico, e boi, personagem principal, mistificado pela tradição folclórica, em torno dos mistérios que revelam a relação do homem versus natureza. Sendo a fama atribuída ao “boi encantado”, que dribla e confunde o homem em sua sabedoria, pautada na força e na vaidade de demonstrar confiança na vitória. Simultaneamente a esses aspectos, temos a coragem e a destreza dos vaqueiros.

Foram aonde Zé Preto  
Na véspera tinha deixado,  
Naquele mesmo lugar  
Inda estava ele deitado  
Levantou-se espreguiçando  
E não ficou assustado.  
Depois de se levantar  
Cavou o chão e urrou,  
O urro foi esquisito  
Que tudo ali se assustou  
O cavalo do caboclo  
Cheirou o chão e rinchou.

Tratou o boi de correr  
E subiu logo o oiteiro,  
Por lugar que era impossível  
Subir nele um cavaleiro  
De cinquenta e nove homens  
Só foi lá o tal vaqueiro.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 29)

O trecho abaixo mostra o enunciador destacando a fama do boi em derrotar o vaqueiro, deixando seu cavalo sem saúde para continuar a façanha da caça.

O boi com facilidade  
O trocadilho rompeu  
Quase no centro do vão  
O vaqueiro conheceu  
O cavalo Perigoso  
Da carreira adoeceu.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 19)

Para o vaqueiro, com o decorrer dos acontecimentos, acaba por destacar sua visão sobre o boi encantado:

Dizia que nunca viu  
Em boi tanta ligeireza  
Como no cavalo dele  
Nunca viu tanta destreza  
E disse que um boi daquele  
Para o sertão é grandeza.  
(Historia do boi misterioso, s.d., p. 9)

O aparecimento e o reaparecimento do vaqueiro e do boi, ambos mistificados pelo ciclo econômico do boi, no qual vigora a vivência do homem com a natureza que o cerca. O boi representado na águia, que transmite a simbologia da liberdade e da vitória no cenário do sertão, perante a figura do poder econômico, o vaqueiro, que surge da necessidade de sobrevivência diante da seca.

Voltaram todos os homens  
O coronel constrangido  
O boi e o tal vaqueiro  
Terem desaparecido  
A terra abrir-se e fechar-se,  
Pôs tudo surpreendido.  
Julgam que a águia era o boi  
Que quando na terra entrou  
Ali havia uma fada  
Em uma águia o virou  
O vaqueiro e o cavalo  
Em dois corvos os transformou.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 30 - 31)

E o vaqueiro e o cavalo, transformados em corvos, nos quais traduz o mal presságio, advertindo da decadência das relações de poder no nordeste. Assim, temos o enunciador, na penúltima estrofe, destacando essa condição.

O coronel Sezinando  
Ficou tão contrariado  
Que vendeu todas as fazendas  
E nunca mais criou gado

Houve vaqueiros daqueles  
Que um mês ficou assombrado.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 31)

Então, cria-se o mito a partir do narrador onisciente, este anuncia a transformação do enunciado, no contexto da constante luta do vaqueiro-herói e boi, em um ambiente de sertão de difícil sobrevivência tanto da natureza quanto do homem.

Lá inda hoje se vê  
Em noites de trovoadas  
A vaca misteriosa  
Naquelas duas estradas  
Duas mulheres chorando  
Rangindo os dentes e falando  
**Onde as cenas foram dadas.**  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 31)

Nesse breve estudo, destacamos a importância de se ter acesso a obras representativas da cultura nordestina, como modo de compreender, com mais profundidade seu valor histórico, no rearranjo aos aspectos literários de origem do cordel como marca significativa da oralidade de um povo.

### 3. A MATÉRIA ÉPICA

A matéria épica tem tradição no rearranjo entre as dimensões real/histórica e mítica, e vem sobrevivendo em novas formas literárias de acordo com a mistura e contato de culturas, como é o caso da vinda dos europeus ao Brasil. As artes literárias nesse contexto “se renovam constantemente em um diálogo permanente entre o antigo, o novo e a realidade humano-existencial” (RAMALHO, 2013, p. 15).

Reconhecido um poema como épico a partir da observação da teoria de Silva, ou seja, identificando em um poema longo características como a existência de um plano histórico e um plano maravilhoso, a presença da ação heroica, a definição de uma matéria épica e, em termos de estrutura de enunciação, a dupla instância de enunciação caracterizada pela presença de um lírico/narrador, fica ao/à analista a missão de desvendar o modo como o plano literário concebeu e inseriu esses elementos no texto (RAMALHO, 2013, p. 29).

Ramalho identificou a matéria épica como uma temática resultada da fusão de da dimensão real com a mítica podendo ser expressa de diversas formas como o romance que pode ter uma matéria épica, diferentemente da epopeia que é uma manifestação literária em forma de poemas longos, com a presença da dupla instância de enunciação (eu-lírico/narrador), o plano histórico, o plano maravilhoso e a matéria épica- uma temática derivada da fusão do mítico com a realidade.

Além disso, como destacado por Christina Ramalho (2007), Ronald Daus atentou para a proximidade entre a poesia popular nordestina, a cantoria repentista de origem oral, com os poemas épicos, em destaque a forma como a escrita em folhetos foi se apropriando, denominando-a de Literatura de Cordel.

Daus abre seu livro estabelecendo aproximações e diferenças entre os dois grupos que integram a poesia popular brasileira no Nordeste, por ele indentificada como *cantoria*: o da *cantoria repentista* e o da *poesia épica*. Segundo Daus, a *cantoria repentista* – traduzida numa disputa textual oral cercada de improviso, espontaneidade e de alusões a passagens que compõem o acervo pessoal e cultural de cada repentista – expressa inicialmente na forma de quadras, foi, aos poucos, recebendo a aderência de composições herdadas da poesia portuguesa popular e culta e de uma constante inventividade que acabaram gerando uma grande variedade de formas. Em meados do século XIX, contudo, a forma épica, que também vinha influenciando a literatura popular, começou a ganhar terreno. Quanto as cantorias começaram a aparecer sob a forma impressa, a poesia popular épica se consolidou de vez (SILVA & RAMALHO, 2007, p.201).

Nesse enfoque a obra analisada, com foco no Épico, trata-se do cordel *A História do Boi Misterioso*, de Leandro Gomes de Barros. O próprio título do livro representa a relação entre a história e o mítico. Dessa maneira, a partir da teoria de Silva e Ramalho (2007) e Ramalho (2013), dimensionaremos os traços épicos presentes nessa obra que, segundo esse ponto de vista teórico, também pode ser lido como uma produção épica.

Esse capítulo fornece as categorias do Gênero Épico segundo Ramalho (2013), em contrapartida, faremos uso desse gênero para realizar estratégias de leitura na Literatura de Cordel, observando as vozes épicas centradas nas dimensões real e mítica, somada a crenças, ideologias e imagens do cenário nordestino.

### 3.1 A ESTRUTURA DO GÊNERO ÉPICO

Na interpretação dos gêneros literários se classifica três categorias básicas: gênero épico, lírico e dramático. No entanto, nesta pesquisa, o enfoque será dado ao gênero épico, que possui em sua estrutura, o narrador que conta a história, cuja descrição de acontecimentos do passado, se caracteriza através de suas categorias e subcategorias de planos e enfoques literários.

Será com auxílio da teoria de Anazildo Vasconcelos da Silva, “A Semiotização Épica do Discurso”, que fundamentaremos a investigação acerca do gênero épico. Os teóricos SILVA e RAMALHO partiram da “necessidade de se formular um novo critério para a análise teórico-crítica de produções literárias de cunho épico que deixaram de seguir integralmente a estrutura épica reconhecida por Aristóteles” (RAMALHO, 2007). Portanto, compreender o épico moderno com base na Poética de Aristóteles seria recusar as modificações sofridas pelo gênero épico no decorrer dos tempos.

A crítica reconhecendo apenas a independência dos gêneros narrativo e lírico decretou, equivocadamente, o esgotamento do discurso épico e a continuidade da epopeia no romance, dando por encerrado o assunto, quando, na verdade, o que estava sendo decretado com justeza, era o esgotamento da matriz épica clássica no modelo épico parnasiano-realista e da matriz épica romântica no modelo épico simbolista-decadentista, coincidentemente com o surgimento da matriz épica moderna (SILVA & RAMALHO, 2007, p. 67).

As pesquisas de Anazildo Vasconcelos da Silva e Christina Ramalho, em referência ao estudo do gênero épico, apresentam-se relevantes a estratégia de leitura, uma vez que, estes autores reafirmam a preservação teórica desse gênero em obras literárias diversas, também daquelas que carregam as marcas de uma linguagem oral. Além disso, a teoria Silva (2007), amplia o entendimento em relação as novas formas do épico através dos tempos e permite que outros tipos de poemas possam ser considerados e apresentados como manifestação épica.

Christina Ramalho organizou as categorias épicas, pois verificou em seus estudos acerca do épico, a influência e reconhecimento das categorias que compõem uma epopeia, por isso elaborou o livro *Poemas épicos: estratégias de leitura*, com o propósito de auxiliar nos estudos desse gênero. Com efeito, Ramalho, organizou as categorias que contribuíram para o reconhecimento dos textos épicos, as quais são: a



proposição, a invocação, a divisão em cantos, o plano literário, o plano históricos, o plano maravilhoso e o heroísmo épico.

A proposição pode ser reconhecida de muitas maneiras e possui a capacidade de desenvolver a condição de introdução a obra. Sua presença em um poema épico é observada a partir dos seguintes aspectos:

**I. A proposição quanto à forma e à inserção na epopeia:**

- (1) proposição não nomeada integrada ao primeiro canto;
- (2) proposição nomeada, em destaque e em forma de prosa;
- (3) proposição nomeada, em destaque e em forma de poema;
- (4) proposições múltiplas;
- (5) proposição dispersa ou multifragmentada;
- (6) proposição ausente.

**II. A proposição quanto ao centramento temático:**

- (a) enfoque no feito heroico;
- (b) enfoque na figura do herói;
- (c) enfoque no plano histórico;
- (d) enfoque no plano maravilhoso;
- (e) enfoque plano literário;
- (f) múltiplos enfoques (a matéria épica em sua dimensão mais ampla)

**III. A proposição quanto ao conteúdo:**

- (1) referencial;
  - (2) simbólica;
  - (3) metalinguística.
- (RAMALHO, 2013, p. 31)

Segundo Ramalho (2013) a invocação, em geral, está posicionada nas aberturas das epopeias, juntamente por estar associada à necessidade de preparo e fôlego para dar continuidade a uma criação que exige perseverança, podendo ser reconhecida em uma obra, quando levamos em conta os seguintes aspectos:

**I. A invocação quanto ao (à) destinatário (a) da invocação:**

- (a) invocação pagã;
- (b) invocação judaico-cristã;
- (c) invocação humana;
- (d) invocação à natureza;
- (e) invocação à pátria;
- (f) invocação simbólica;
- (g) invocação multirreferencial;
- (h) metainvocação;
- (i) autoinvocação.

**II. A invocação quanto ao posicionamento:**

- (1) A invocação tradicional;

- (2) A invocação mesclada à proposição (ou ainda à dedicatória);
- (3) invocação reincidente;
- (4) invocação multipresente;
- (5) invocação ausente.

### **III. A invocação quanto ao conteúdo:**

- (a) Invocação metatextual;
  - (b) Invocação convocatória.
- (RAMALHO, 2013, p. 61)

Conforme Ramalho (2013), a divisão em cantos é também um recurso utilizado tradicionalmente na epopeia, cuja finalidade compreende a própria natureza do texto épico que por ser constituído de um poema longo, necessita naturalmente de pausas. Em relação à função da divisão em cantos, elencaremos cinco: a função episódico-narrativa (a); a função espacial ou geográfica (b); a função temática (c); a função simbólica (d) e a função híbrida (e). Já em termos de nomeação teremos: a tradicional (1); inventiva (2) e inexistente (3). (Ramalho, 2013, p. 83).

De acordo com Ramalho (2013, p.109), a presença do plano histórico na epopeia pode ser identificado a partir dos seguintes aspectos:

#### **I-O plano histórico quanto às fontes:**

- (1) explicitamente referenciado;
- (2) não explicitamente referenciado.

#### **II-O plano histórico quanto à apresentação:**

- (a) perspectiva linear;
- (b) perspectiva fragmentada.

#### **III- O plano histórico quanto ao conteúdo:**

- (a) especificamente histórico;
- (b) predominantemente geográfico.

Segundo Ramalho (2013), o conceito de plano maravilhoso “depende da fonte das imagens míticas tomadas. Essa fonte pode se caracterizar como: fonte mítica tradicional (a), fonte mítica literariamente elaborada (b) e fonte mítica híbrida(c). Além disso, também podemos identificar o estudo sobre o heroísmo épico a partir dos seguintes itens: um heroísmo quanto à forma como é inicialmente caracterizado a epopeia: heroísmo histórico individual (1); heroísmo mítico individual (2); heroísmo histórico coletivo(3); heroísmo mítico coletivo(4); heroísmo histórico híbrido(5); heroísmo mítico híbrido(6). Um heroísmo quanto ao percurso heroico: do histórico para o maravilhoso(a); do maravilhoso para o histórico(b); percurso alternado(c); percurso

simultâneo(d); percurso cíclico(e). E um heroísmo quanto à ação heroica: feitos bélicos ou políticos(1); feitos aventureiros(2); feitos redentores(3); feitos artísticos(4); feitos cotidianos(5); feitos alegóricos(6) e feitos híbridos(7).

Posto que envolve algumas das categorias citadas anteriormente, as quais facilitam o estudo do plano literário presente na(s) obra(s) estudada(s), o plano literário no texto épico, pode ser observado a partir dos aspectos citados abaixo:

**I. O plano literário quanto ao reconhecimento do lugar da fala autoral:**

- (a) voz alienada;
- (b) voz engajada;
- (c) voz parcialmente engajada.

**II. O plano literário quanto ao uso da linguagem:**

- (1) predominantemente narrativo com traços de oralidade;
- (2) predominantemente lírico com traços de oralidade;
- (3) lírico-simbólico;
- (4) híbrido.

Tomando-se como base a teoria de Anazildo Vasconcelos da Silva, apresentada por Christina Ramalho (2013), propõe-se, neste trabalho, a análise da configuração épica no cordel *A História do Boi Misterioso*, de Leandro Gomes de Barros, nele destacando-se: uma Matéria Épica com aspectos míticos e históricos, uma Dupla Instância de Enunciação, um Plano Histórico e um Plano Literário.

### 3.2 A MATÉRIA ÉPICA NO CORDEL *A HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO*

O Cordel “A História do Boi Misterioso” torna vivaz a matéria épica, abordada, a partir dos enfoques dos Planos Histórico e Maravilhoso, engajados no estilo literário produzido na obra. Como também, a identificação da dupla instância de enunciação lírica e narrativa, que no gênero épico denomina-se eu-lírico/narrador.

A criação épica, deriva de um grande envolvimento com a cultura e pressupõe, para o/a artista, uma relação intensa com as demandas históricas e míticas que constituem o *epos* de um povo, seja esse povo tomado em um recorte regional, nacional, continental ou mesmo universal, desde que, neste último caso, o referente épico reflita uma matéria épica de dimensões universais. Assim, na criação da estrutura de uma epopeia, a inventividade do/a poeta(isa) também estará relacionada a seus vínculos pessoais com os referentes históricos e míticos do segmento cultural em foco e com sua postura política, cultural e filosófica ante os eventos que integram sua epopeia (RAMALHO, 2013, p.100).

No estudo literário épico toma-se como base as concepções da proposição e da invocação, a presença ou não divisão de cantos, a linguagem e o reconhecimento do lugar da fala do autor.

A **proposição épica (I)**, nesse cordel, está integrada ao corpo do texto, o eu-lírico/narrador revela a temática a ser narrada na primeira estrofe e confirma o resgate da história a partir da sexta estrofe, na qual deixa claro que o fato a ser narrado vem da memória de um “velho da antiguidade”, que contou esse fato ainda na infância do eu-lírico/narrador, portanto, esse eu-lírico fortalece a tradição da história contada, como um registro cultural do Nordeste. No decorrer das trinta primeiras estrofes, a proposição vai se revelando entre os versos, o que destaca a temática do boi mistificado.

Leitor, vou narrar um fato  
**De um boi da antiguidade**  
 Como não se viu mais outro  
 Até a atualidade  
 Aparecendo hoje um desses  
 Será grande novidade.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 3)

É preciso descrever  
 Como foi seu nascimento  
 Como é para o leitor poder  
 Ter melhor conhecimento  
**Conto o que contou-me um velho**

Coisa alguma eu acrescento.

Já completaram trinta anos  
 Eu estava na flor da idade  
 Uma noite conversando  
**Com um velho da antiguidade**  
**Em conversa ele contou-me**  
 O que viu na mocidade.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 4)

Nessa primeira estrofe, localizada acima, percebe-se a **Proposição nomeada, em destaque e em forma de poema (3)**, pois apresentam antecedentes que elucidam os aspectos que estão sendo narrados. O tema está centrado na figura do “boi da antiguidade”, sendo que ao longo do poema, vai-se dando mais destaque, através de adjetivos, à matéria épica narrada, “Ali havia uma vaca/Chamada “**Misteriosa/Uns chamavam-na feiticeira**”. Também traz a figura do vaqueiro; então, temos personagens centrados na relação profissional de vaqueiros no cuidado com o gado, “Da vaca misteriosa/Dela nasceu um bezerro/ Um vaqueiro da fazenda/Assistiu ele nascer”. O próprio título *A História do boi misterioso* apresenta a proposição, cuja temática trata do manejo com o gado no sertão, envolto de crenças folclóricas.

**Isso de Misteriosa**  
 Ficou o povo a chamar  
 Porque um vaqueiro disse  
 Indo uma noite emboscar  
 Uma onça na carniça  
 Viu isso que vou narrar.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 4)

Por isso teve essa vaca  
 Dai em diante esse nome  
**Uns chamavam-na feiticeira**  
**Outro a vaca lobisomem**  
 Diziam que ela era a alma  
 De um boi que morreu a fome.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 5)

Quanto ao **Centramento temático por múltiplos enfoques (f)**, que se constituem em Planos Histórico, Mítico e Literário, e na Figura do herói. Nos versos “Diziam que ela era a alma/De um boi que morreu a **fome**”, além do destaque no cordel dos substantivos “vaqueiro”, “cavalo”, “coronel”, “fazenda”, “seca”, que nos remete ao plano histórico do cenário de seca no sertão nordestino, temos, no que se refere ao mítico, a presença “Da vaca misteriosa” e o herói representado pelo vaqueiro. Temos múltiplos enfoques sendo abordados em um poema longo com aspectos literários

épicos, o histórico sobre a seca no sertão, a fazenda na qual há a vaca, vaqueiro e o coronel; o mítico, relacionado a mistificação da vaca e do bezerro; literário por se tratar de um poema-narrativo.

**No sertão Quixelou**

Na fazenda Santa Rosa  
No ano de vinte e cinco  
Houve uma **seca horrorosa**  
Ali havia uma vaca  
Chamada “Misteriosa”.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 4)

A vinte e quatro de agosto  
Data esta reciosa  
Que é quando o **diabo** pode  
Soltar-se e dar uma prosa  
Pois foi nesse dia o parto  
Da **vaca misteriosa**.

Um índio velho **vaqueiro**  
Da **fazenda** do Desterro  
Disse ao **coronel** me falte  
A terra no meu enterro  
Quando aquela vaca  
For mãe daquele bezerro.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 6)

A **proposição quanto ao conteúdo referencial (1)**, como mostra a estrofe acima, já que o cordel traz dados do contexto geográfico, econômico e social do sertão, cuja economia corresponde a pecuária e também identifica, nos versos narrados, as classes sociais referentes a perspectiva sertaneja, em destaque ao ciclo do boi. Temos “cavalos”, “vaqueiros”, “boi”, “gado”, “Senhores”, “fazenda”, correspondentes a substantivos que carregam os valores ideológicos do “ciclo do boi” no ambiente do sertão. E **simbólica (2)** por descrever as experiências do ciclo do boi de maneira folclórica e mítica, determinada pelos valores semânticos das palavras adjetivadas vaca “feiticeira”, boi “misterioso”, “encantado”.

Eu digo com consciência  
Senhor coronel Sezinando  
O boi é misterioso  
Para que estar lhe enganando  
O boi é filho de um gênio  
Uma fada o está criando.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 10)

O **Plano Histórico** é montado cronologicamente, através da descrição de datas e do espaço geográfico, também da referenciação ao ciclo do boi, o eu-lírico/narrador

destaca o fato que envolve o ambiente do sertão, no qual o vaqueiro deve ser bravo perante a figura do boi, como destaca as estrofes abaixo.

**Foi em mil e oitocentos  
E vinte e cinco este caso  
Uma época em que o povo  
Só conhecia o atraso  
Quando a ciência existia  
Porém trancada num vaso.**

**No sertão de Quixelou  
Na fazenda Santa Rosa  
No ano de vinte e cinco  
Houve uma seca horrorosa  
Ali havia uma vaca  
Chamada "Misteriosa".  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 4)**

**O vaqueiro conheceu  
O boi ser do seu patrão  
Viu que havia de pegá-lo  
Por ser sua obrigação  
E juntou ambas as rédeas  
Esporou o alazão.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 7)**

Portanto, o **Plano Histórico quanto às fontes é explicitamente referenciado (1)**, “No sertão de Quixelou”; **quanto à apresentação** em sequência cronológica **a perspectiva é linear (a)**, a história é resgatada na memória do eu-lírico narrador, no entanto, narrada linearmente. **Quanto ao conteúdo especificamente histórico (a)**, revela cultura de manifestação folclórica no sertão nordestino em relação a criação de gado, que gerava a economia de famílias, além de destacar as crenças míticas, nas quais o boi é representado como um animal mitificado nas narrativas tradicionais, “Só sendo bicho encantado/Se havia mandinga em boi/Aquele era batizado”.

No **Plano Maravilhoso** o jogo de palavras faz referência a “antiguidade”, “misterioso”, “fada”, “vultos”, “segredos”, “lobisomem”, “feiticeira”, “alma”, “encantado”, sendo os significados interpretativos dessa simbologia a marca desse plano, além disso, atribui-se a essa característica da nomeação dos cavalos, a personificação mítica do Boi Misterioso e a animalização de duas mulheres, vistas pelo vaqueiro e descritas no final da história sempre envoltas de mistérios. Como confirma as estrofes:

O vaqueiro viu que os vultos  
Eram de duas mulheres

Uma delas disse à vaca  
 Parte por onde quiseses  
 Eu protegerei a ti  
 E aos filhos que tiveres.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 4)

Julgam que a águia era o boi  
 Que quando na terra entrou  
 Ali havia uma fada  
 Em uma águia o virou  
 O vaqueiro e o cavalo  
 Em dois corvos os transformou.

Lá ainda hoje se vê  
 Em noites de trovoadas  
 A vaca misteriosa  
 Naquelas duas estradas  
 Duas mulheres falando  
 Rangendo os dentes e chorando  
 Onde as cenas foram dadas.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 30)

A tradição cultural que envolve o ambiente do sertão, impregnada de crenças míticas e religiosas, as imagens do vaqueiro e do seu papel nesse espaço, traz uma fonte mítica tradicional, representativa da história da seca, da luta pela manutenção econômica das fazendas e do seu gado de valor, esses traços demonstram a cultura de vida do sertanejo, classifica o **Plano Maravilhoso à fonte das imagens como mítica tradicional (a)**.

O coronel Sezinando  
 Disse: - Vamos descansar  
 Vaqueiro de agora em diante  
 Tem muito em que se ocupar  
 Eu só descanso a meu gosto  
 Quando esse boi se pegar.

Disse o índio Benvenuto:  
 - Coronel, se desengane  
 Esse boi não é pegado  
 Nem que o diabo se dane  
 Cavalo não chega a ele  
 Inda que por mais se engane  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 10)

No **Plano literário**, temos a construção do poema longo, em estrofes, cada estrofe possui seis versos, o último é o único com sete, compondo 87 cantos com rimas cruzadas ou alternadas, nas quais apresentam a musicalidade tipicamente das histórias orais, com pausas nos finais das estrofes.



Nesse plano há apropriação de um fato e cenário histórico, apresenta tempo cronológico e espaço bem definidos, em uma narrativa em que o eu-lírico transmite os acontecimentos históricos agregados a situações míticas, envolvendo o leitor em relação à capacidade interpretativa.

O leitor deve saber  
Do estilo do sertão  
O que não fizer fogueira  
Nas noites de São João  
Fica odiado do povo  
Tem fama de mau cristão.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 24)

No **Plano literário** o reconhecimento do lugar da fala autoral remete a **voz engajada (b)** da vida dos Senhores e vaqueiros no sertão, cuja linguagem peculiar faz referência a um vocabulário habitual revelado pelo poeta nesse cordel, através dos diálogos indiretos. No estudo épico essa **linguagem** é classificada como **predominantemente narrativa com traços da oralidade (1)**.

- Aí fui guardar o fuso  
E a cesta de algodão  
Credo em cruz! Dizia eu  
Aquilo é arte do Cão  
São coisas do fim do mundo  
Bem diz Frei Sebastião.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 23)

Sobre o **Heroísmo épico** que determina a construção do mesmo nesse cordel, temos a **categoria, quanto à forma, como histórico coletivo (3)** que representa o grupo dos vaqueiros do sertão, nos episódios, alguns vaqueiros são até nomeados para descrever a qualidade que designam sua função social nesse contexto.

Muitos cavalos de estima  
Atrás dele se acabaram  
Vaqueiros que em outros campos  
Até medalhas ganharam  
Muitos venderam os cavalos  
E nunca mais campearam.  
(História do Boi Misterioso, s.d. p. 3)

No outro dia seguiram  
Seis vaqueiros destemidos  
Em seis cavalos soberbos  
Dos melhores conhecidos  
Pois só de cinco fazendas  
Puderam ser escolhidos.

(História do Boi Misterioso, s.d. p. 7)

Foi Norberto da Palmeira  
 Ismael do Riachão  
 Calixto do Pé da Serra  
 Félix da Demarcação  
 Benvenuto do Desterro  
 Zé Preto do Boqueirão  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 8)

Sendo que a transformação sobrenatural do herói é classificada como **heroísmo mítico coletivo (4)**, pois destaca a luta constante perante a natureza, chegando a relacioná-la a imaginação inventiva de mistérios com “fadas”, “diabo”, “boi”, adentrando, assim, ao plano maravilhoso, principalmente ao que se refere a sua transformação em corvo, no qual simboliza a morte ou algum acontecimento ruim.

Em relação ao **percurso heroico**, a trajetória dos vaqueiros **vai do histórico para o maravilhoso (a)**, caracterizado na matéria épica do cordel pelo fato corriqueiro de capturar o “boi misterioso”, seguida de fracasso pelo enfoque misterioso, e ao final, apresenta a metamorfose de um vaqueiro em corvo. Dessa maneira, pelo enfoque histórico da figura do vaqueiro, como cuidador do gado, se julga **os feitos em cotidiano (5) e aventureiro (2)**, este em consequência da virilidade que esse personagem deve adquirir ao longo das experiências em sua atividade pecuária corriqueira, para o vaqueiro não haveria outro modo de vida ou de subordinação aos Senhores de fazendas, por outro lado, sua função representa a coragem, como um herói.

Iam o vaqueiro e o boi  
 Pela dita cruz passar  
 Ali enguiçava a cruz  
 Ou tinha então que voltar  
 Devido a outros vaqueiros  
 Não havia outro lugar.

Mas o boi chegando perto  
 Não quis enguiçar a cruz  
 Tudo desapareceu  
 Ficou um foco de luz  
 E depois dela saíram  
 Uma águia e dois urubus.

Tudo ali observou  
 O fato como se deu  
 Dizendo que o chão se abriu  
 E o campo estremeceu  
 Pela abertura da terra  
 Viram quando o boi desceu.

Voltaram todos os homens  
 O coronel constrangido  
 O boi e o tal vaqueiro  
 Terem desaparecido  
 A terra abriu-se e fechou-se  
 Pôs tudo surpreendido.

Julgam que a águia era o boi  
 Que quando na terra entrou  
 Ali havia uma fada  
 Em uma águia o virou  
 O vaqueiro e o cavalo  
 Em dois corvos os transformou.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 30 - 31)

A **invocação épica quanto ao (s) destinatário (s) é multirreferencial (g)**, pois em termos de destinatários temos o cristão, que se refere ao povo sertanejo em relação às tradições de comemoração dos Santos; mística, centrada na história do boi misterioso e o vaqueiro-herói e; a humana que valorizam a narrativa. O eu-lírico/narrador, da dupla enunciação do poema narrativo e da poética, descreve os momentos festivos envolvendo os dias de Santo, demarca a crença em fadas e, principalmente destaca a marca da história em sua coletividade da cultura pecuarista, respectivamente, disposta nas estrofes abaixo.

Estava a noite vinte e três  
 Do mês do Santo Batista  
 Como outra no sertão  
 Nunca tinha sido vista  
 Só faltava ali a música  
 Discurso e fogos-de-vista.

Estava o povo todo ali  
 Uns dançando e outros bebendo  
 Um prazer demasiado  
 Em tudo estava se vendo  
 Mais de cinquenta pessoas  
 Assando milho e comendo.  
 (História do Boi Misterioso, s.d. p. 25)

Por conseguinte, a **invocação tem um posicionamento multipresente (4)**, pois se “há uma mescla de referentes” em todo o texto, ora invoca o **leitor**, “Leitor vou narrar um fato”; a **coletividade das crenças do sertão**, como um resgate a memória de um povo, assume a voz de uma coletividade, “Onde as cenas foram dadas”, questiona o leitor, o nordestino. **Quanto ao conteúdo é convocatória (b)**, chama a participação do leitor, o eu-lírico/narrativo valoriza e preocupa-se com o próprio ato de narrar,

valorizando a memória: “Conto o que contou-me um velho/Coisa alguma eu acrescento”.

Ao estabelecer essa análise adentra-se na classificação dos **cantos**, dentre os quais o cordel destaca-se como uma obra épica com divisões inexistentes, a temática é julgada a partir da concepção de um poema longo, cuja divisão se dá por episódios, configurados pelas pausas no último verso de cada estrofe. Assim, cada episódio narrado é moldado na estrutura narrativa linear.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória e a história é um recurso da Literatura de cordel que contempla uma forma de registrar os acontecimentos cotidianos, especificamente, no sertão nordestino. O poeta Leandro Gomes de Barros possui, em sua arte de versificar, a capacidade de valorizar a cultura folclórica, a linguagem popular em uma estrutura longa de poema, cuja musicalidade destaca a arte do poeta em versificar. Dessa maneira, temos *A história do boi misterioso*, na qual une o mítico e o histórico na temática do ciclo do boi, fortalecido pela figura heroica do “vaqueiro” e a representação mítica do “boi”.

As narrativas tradicionais produzidas pelos cordelistas, desde Barros, legitimam a poesia popular nordestina, pois as mesmas trazem em foco a adaptação do Gênero Épico Clássico com bases na linguagem popular em seu estilo e pronúncia. Em um entrecruzamento de epopeia e realidade das vivências do nordeste.

A partir dos estudos teórico-críticos sobre a evolução do gênero épico desenvolvidos nas categorias de poemas épicos elaboradas por Christina Ramalho foi construído o *corpus* teórico desse trabalho. O que nos direcionou em defesa a nossa finalidade de análise épica da literatura de cordel como uma épica popular, demarcada por crenças populares nos planos histórico e mítico.

Nesse breve estudo, destacamos a importância de se ter acesso a obras representativas da cultura nordestina, como modo de compreender com mais profundidade o modo de ver e de sentir inerentes a essa memória.

Desta maneira, espera-se que esse trabalho contribua para estimular mais pesquisas literárias não só sobre romances e folhetos de cultura popular, mas também sobre poemas considerados épicos. Bem como, a contribuição desse gênero nas leituras dos cordéis. Portanto, as pesquisas sobre temas da literatura cordelista promovem o aprofundamento no conhecimento de mundo e a valorização à cultura do próximo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. **A representação do ciclo do boi nos romances tradicionais**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Iondrina, 2005.

ANTOLOGIA da literatura de cordel. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978.

BARROS, Leandro Gomes de. **História do boi misterioso**. s/d.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1956.

CAVALCANTI, Carlos Alberto de Assis. **A atualidade da Literatura de Cordel**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras. Recife: O Autor, 2007. 174 p.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil**. Da história escrita ao relato oral. Tradução Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2006.

CHAGAS BAPTISTA, Francisco das. **Antologia**. Coleção Literatura de Cordel, Tomo IV. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

CHAGAS BAPTISTA, Francisco das. **Cantadores e poetas populares**. Parahyba: Popular Editora, 1929.

DAUS, Ronald. **O Ciclo épico dos cangaceiros na poesia do Nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Literatura de cordel**. Rio de Janeiro: MEC, 1975.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel et alii. **Literatura popular em verso: estudos**. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1986.

JÚNIOR, Manuel Diégues. **Literatura de cordel**. Rio de Janeiro: MEC, 1975.

LUKÁCS, G. *Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.

MEYER, Marlyse. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

PESAVENTO, S. J. <<Historia & Literatura: uma velha-nova história>>, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, Puesto en línea el 28 enero 2006, consultado el 19 diciembre 2013. URL: <http://nuevomundo.revues.org/1560>; DOI: 10.4000/nuevomundo.1560.

QUINTELA, Vilma Mota. **O cordel no fogo cruzado da cultura**. Tese de Doutorado em Letras e Linguística. UFBA/Instituto de letras. Salvador, 2005.

RAMALHO, Christina. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2013.

RAMALHO, Christina. **Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SARAIVA, Arnaldo. **Folhetos de Cordel, e outros da minha coleção**. Porto: Biblioteca Municipal Almeida Garrett, 2006.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Semiotização literária do discurso**. Rio de Janeiro: Elo, 1984.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da epopéia brasileira: teoria, crítica e percurso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.